



ALIMENTAÇÃO ANIMAL RESISTINDO AO “NOVO NORMAL”

Ainda em dezembro passado, tracionada pela demanda pecuária, a indústria de alimentação animal contabilizava significativo incremento, enquanto o otimismo contagiante justificava o prognóstico de mais um “próspero ano novo”. Pois bem, apesar do cenário bastante adverso provocado pela Covid-19, é fato que, durante o primeiro trimestre, a produção de alimentos para animais resistiu bem ao “novo normal” e assegurou o necessário suprimento da cadeia produtiva e exportadora da proteína animal brasileira.

O produtor de frangos de corte demandou 9,1 milhões de toneladas de rações de janeiro a março, um avanço de quase 4%, marca alinhada àquela prevista ainda antes da pandemia, ou seja, ancorada na percepção do consumo doméstico crescente e da continuidade da necessidade chinesa por proteína animal que continuaria mirando também a carne de frango. Apesar do cenário futuro apontar profunda depressão econômica, o auxílio emergencial, apesar de provisório, preferencialmente será gasto na compra de alimentos. Combinado ao fenômeno, o persistente déficit interno chinês pelas carnes pode manter o ritmo ajustado da cadeia produtiva brasileira, e em consequência assegurar avanço de 4% na produção de rações para frangos de corte durante o ano. O consumo de ovos foi intensificado em substituição às carnes. Em consequência, o crescente e contínuo alojamento de poedeiras, apurado no primeiro trimestre, demandou mais de 1,7 milhão de toneladas de rações, avanço da ordem de 5%, quando comparado ao mesmo pe-

ríodo de 2019. A previsão é que a produção de rações para galinhas de postura contabilize 6,8 milhões de toneladas no corrente ano.

Durante o primeiro trimestre, as avassaladoras epidemias combinadas (peste africana e Covid-19) abateram o rebanho suíno e a população chinesa, respectivamente. Essas crises sanitárias simultâneas aprofundaram o déficit de proteína animal e incrementaram ainda mais as remessas brasileiras àquele destino. A mobilização de mais animais para abate estimulou a cadeia produtiva que demandou mais de 4,3 milhões de toneladas de rações, ou crescimento de aproximadamente 4,5%, quando comparado ao período de janeiro a março de 2019. Apesar dos esforços chineses, a dependência por suprimento externo deve estabelecer novo recorde à pauta exportadora brasileira e, assim, permitir a produção de mais de 18,5 milhões de toneladas de rações para suínos.

No caso das rações para bovinos de corte, a produção alcançou quase 950 mil toneladas e revelou incremento de 5%, em resposta ao plantel de mais de 10 milhões de cabeças em submetidas aos regimes combinados de confinamento e semiconfinamento. Apesar do vigoroso desempenho na exportação de carne bovina, o custo do milho em patamar elevado, além do preço da reposição e daquele pago por arroba do animal terminado é que determinam a intensidade e o interesse nas atividades de cria, recria e terminação. A previsão é que nesse corrente ano a produção de rações para bovinos de corte contabilize 5,3 milhões de toneladas e avance 2,5% sobre as 5,17 milhões de toneladas (ajustadas pela nova

metodologia estatística que passa a considerar também o regime de semiconfinamento) produzidas em 2019. A cadeia pecuária leiteira, por sua vez, demandou mais de 1,5 milhão de toneladas de janeiro a março, um avanço de 6%, motivado pela necessidade de complementar as pastagens que sofreram bastante diante da estiagem, pela disputa na captação do leite *in natura* pelos laticínios, pelo vigoroso consumo dos lácteos no varejo e também pelo preço que remunerou muito bem o produtor. A perspectiva de prorrogação do auxílio emergencial deve continuar favorecendo o consumo de leite e sustentar o ritmo da produção. Esse cenário pode levar a indústria contabilizar 6,5 milhões de toneladas de rações para o rebanho leiteiro.

A produção de rações para peixes e camarões durante o primeiro trimestre somou 393 mil toneladas, reflexo do recorde apurado no povoamento de tilápias e no dinamismo da produção integrada pelas cooperativas no Paraná. A carcinicultura, por sua vez, retrocedeu bastante a partir da interrupção das atividades dos bares e restaurantes. Acreditando no efeito amenizador do auxílio emergencial e pela capacidade das cooperativas pulverizar a distribuição dos produtos semiprontos no varejo, a previsão de produção é de 1,39 milhão de toneladas de rações para aquicultura industrial.

O fechamento dos bares e restaurantes e o confinamento, por sua vez, impuseram o teletrabalho e a preparação ou consumo das refeições no ambiente doméstico. Apesar da desejada flexibilização das regras e da retomada gradual das atividades, esse cenário deve persistir por um bom tempo. ■

▼
Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do MBA
PECEGE/ESALQ/USP